

Páscoa

«**E**STE é o Dia que fez o Senhor.» O Dia em que «foi concluída uma Aliança nova com a casa de Israel e com a casa de Judá — oráculo do Senhor» comunicado por Jeremias.

— E qual a novidade desta Aliança?

— «Hei-de pôr-lhes a Minha Lei no íntimo da alma e gravar-lha-ei no coração. Eu serei o seu Deus e eles serão o Meu povo. Não terão de ensinar aos outros nem de dizer cada qual a seu irmão: 'Aprende a conhecer o Senhor'. Todos eles Me hão-de conhecer, desde o mais pequeno ao maior — oráculo do Senhor».

Porque é tal o carácter deste Dia, «nele exultemos e nos alegremos!»

Este o Quadro que a Palavra de Deus nos anuncia e convida a contemplar em êxtase feliz: «nele exultemos e nos alegremos».

A capacidade para este êxtase passa pelo regresso do homem à simplicidade, por um esforço constante de fidelidade à natureza em que Deus o criou já que constante é o risco de a desnaturar.

Este Quadro Divino põe em evidência a realidade humana: denuncia o déficit de Humanidade de que

Continua na página 4

ENCONTROS em Lisboa

Formação profissional

JÁ não é novo o desconforto por nós sentido entre o processo escolar e as propostas de formação profissional ou de aprendizagem que nos são apresentadas. O problema é sempre o mesmo: o sistema escolar, como está, não dá respostas às camadas e grupos sociais mais débeis da nossa sociedade. Por outro lado, o Instituto de Emprego e Formação Profissional parece que fechou as portas para reflexão, há não sei quanto tempo, e os jovens estão parados à espera.

No meio destas coisas, parece que a legislação permite que apareça um determinado número de indivíduos, com uma enorme capacidade de levar a água ao seu moinho, e, desta feita, não têm pejo nenhum em propor cursos de toda a ordem e feito, todos subsidiados — pagos. Assim se continua sem uma estrutura capaz de formação profissional adequada às necessidades.

Acho alguma piada quando me vêm propor cursos do género: Tapetes de Arraiolos, para fazer em Lisboa. Ou então, Curso sobre artesanato do Algarve ao Minho, para fazer em Lisboa. Também Curso de Jardinagem promovido por Jovens empresários porque verificam que não tinham quem cuidasse dos seus jardins. Ultimamente, apareceu-me também a proposta de um Curso que quase se assemelhava à «Arte de Bem Cavalgar Toda a Sela». Para todos estes Cursos existem verbas da CEE e são muito rendíveis, de grande futuro, capazes de fazer milionários, etc.

Às vezes preciso de beber muitos copos de água antes de dar uma resposta que só poderia ser torta. Com efeito, aparecem pequenas frases que ajudam a perceber, por exemplo: «Nós lembrámo-nos de vocês porque são miúdos sem família e o futuro emprego, depois do curso, implica

Continua na página 4

Barracas, droga, lixo, abandono!

ENQUANTO encontrarmos nos nossos caminhos tantas barracas, drogados, lixo, abandono, não nos podemos calar. Recordamos e recordaremos sempre o desabafo e conselho dum Homem, muito nosso amigo e com grande influência que, um dia, quis abrir-se connosco:

— Olhem, Padres: Não deixeis de revelar os Pobres à Igreja, ao Governo e ao Povo. Recordo o dia em que o Padre Américo, numa visita que me fez, teve comigo esta confidência:

— O Senhor não costuma ir aos Pobres?

— Não, Padre Américo, tenho o tempo todo tomado.

— Que pena!...

— Com esta pena fiquei eu sempre. Nunca deixeis de revelar os Pobres. É vossa missão!

Naquele dia começámos à saída da ponte. Temos por ali passado muitas vezes. Mas, com os olhos tapados, como muitos, na encosta do lado, grandes filas de barracas e miseráveis casebres. Logo a seguir a encosta já pelada mas, ao fundo, muitas tendas armadas onde se drogam e prostituem. Quadro desolador! Consta que é zona de muito «comércio». A informação oficial anuncia que os governantes estão a agir, mas, muito devagar. São vidas a desaparecer. Naquela semana tinham falecido ali vários jovens. Não se pode esperar muito!

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Seguimos rumo do aeroporto. Musgueira Norte e Sul. Ruelas e ruelas de pequeninas barracas. Dentro da maior parte amontoados de pessoas. Tarimbadas e tarimbadas sobrepostas. Tentámos entrar em algumas, mas não conseguimos. Não cabia mais nada. Centenas e centenas de homens e mulheres jovens encostados e sentados nas ruelas, toda aquela gente a matar tempo e a matar o seu viver.

Continuámos. A seguir vem Camarate. Barracas e lixo; lixo e barracas. Depois, Ameixoeira, o mesmo aspecto. Ligada está a Charneca com longa fila de miséria à vista de toda a gente.

Continua na página 4

Benguela — Os gaiatos na praia da Caota.



Crónica de viagem a África

Casa do Gaiato de Benguela

A Casa do Gaiato de Benguela situa-se numa imensa planura junto ao seco rio Cavaco, muito próxima da cidade. Disposta em Aldeia, à maneira de Paço de Sousa, é emoldurada de árvores ornamentais que fornecem uma preciosa e apetecida sombra, alindada com jardins de variadíssimas e deslumbrantes flores, com largos e ruas todas cercadas de bardos de cardinais, exibindo, aqui e além, os seus cálices vermelhos em contraste com o verde vivo das compactas folhas.

Logo à entrada da grande propriedade somos recebidos por frondosas mangueiras dispostas dum lado e doutro na curta e larga avenida, a qual desemboca no largo principal da Aldeia, em calçada à portuguesa e cumprimentados por largas dezenas de altíssimas e majestáticas palmeiras imperiais, abrigo eleito de milhares de passarinhos que desfiando as folhas mais velhas dos ramos, dependuram os seus ninhos e alegam as manhãs quentes com a música intensa dos seus gorjeios.

A vida, como em todas as nossas Casas, é muito intensa; mas, nesta, com a particularidade de abrigar à sua volta cerca de trezentos trabalhadores agrícolas, na maioria mulheres, os quais ganham ali o sustento mínimo das suas famílias.

Escola de trabalho

Também aqui a Casa do Gaiato é uma escola de trabalho, remédio geral de muitos males e fonte das mais variadas virtudes humanas. As técnicas são as mais simples e menos rendíveis, mas as mais intuitivas e assimiláveis à sua cultura. As pessoas cantam e trabalham!... O trabalho desperta-lhes a alegria. O esforço é compensado por um misterioso prazer!...

A gente fica deslumbrado com o espectáculo oferecido por enormes ranchos de mulheres cobertas de cores garridas com as crianças às costas e enxadas nas mãos a cortar persistentes ervas daninhas nos extensos campos de mandioca, batata doce, tomate, bananas ou milho, num ritmo esforçado, admirável, sob um tórrido sol.

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

PRODUTOS ALIMENTARES — A remessa de produtos alimentares — *excedentes da Comunidade Europeia* — oportunamente distribuída pelos nossos Pobres, faz sempre muito jeito! Especialmente nos casos onde é mais salutar distribuir mercearia... pois em nossas acções também topamos fraquezas, limitações. Aparece tudo aquilo que a Miséria gera e arrasta, consciente ou inconscientemente.

Vamos lá amenizar o quadro! De vez em quando, em preito de gratidão, somos discretamente abordados por quem precisou e agora não; por quem se promoveu socialmente... com a ajuda dos nossos Leitores. São horas deliciosas, com alegria e desabafos. Almas e corações que transbordam, qual formosura do Céu.

Ainda ontem assim aconteceu! Demos graças a Deus.

PARTILHA — Setúbal: «Pequenina lembrança com o carinho e amizade da 'avó dos cinco netinhos'». Leça da Palmeira: Cheque de Maria de Lourdes — há por lá outras com o mesmo nome! — «para a mais urgente necessidade da Conferência Vicentina». Cumprindo um voto, de há muitos anos, «uma portuense qualquer» traz, em mãos, «a migalha de Março/Abril; e mais um abraço» — que retribuimos.

Dez mil, em vale de correio, da assinante 26152, da Foz do Douro (Porto), destinados a «um caso urgente, por alma dos queridos pais», expressando «votos de santa Páscoa» que retribuimos, também.

Recentemente, passou por aqui o assinante 11676, da Capital do Norte. Como todos os anos, emite um cheque de cinquenta mil — para os nossos Pobres. Mais cinco, de Ovar, assinante 42971, com as intenções de sempre. Assinante 7745, de Vila Nova de Gaia, reserva as sobras de contas do O GAIATO para distribuímos por quem precisa. Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia), a mesada do assinante 9790: «Aproveitemos o tempo da Quaresma de modo a emendarmos o mal e, assim, poderemos festejar a Ressurreição do Senhor». Outra «miguinha para se acudir a alguma necessidade urgente» — afirma a assinante 31254, de Fiães (Vila da Feira) — sendo muito rico, e oportuno, o Salmo citado no topo da missiva: «Quero louvar-vos, Senhor, com todo o coração, divulgando continuamente as Vossas maravilhas».

A partilha habitual, de «uma Assinante de Paço de Arcos», relativa a Dezembro/Janeiro — «com saudações fraternas e muita amizade». Guimarães: Assinante 21319, dez mil, com esta intenção: «Por alma da minha mãe que faria cem anos». Espinho: Assinante 52362 traz dois mil, «dados com muito amor, mas ficando triste por não poder dar mais». Outra vez Vila Nova de Gaia: «Pequena importância destinada à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Sei bem que a verba é muito pequena, mas leva todo o meu carinho e admiração». Aqui está o seu valor!

Pelas CASAS DO GAIATO

Uma santa Páscoa!
Em nome dos Pobres, muito e muito obrigado.

Júlio Mendes



Filhos do Alexandre e da Emília

PAÇO DE SOUSA

OBRAS — O nosso hospital está a receber os últimos retoques. As paredes exteriores foram lavadas e caiadas.

LAVOURA — Os campos estão bonitos, cheios de verdura e de pasto para o gado.

Os nossos animais também pastam nos lameiros. E que bem lhes sabe!

VISITAS — Temos recebido muitas visitas escolares!

Agora, uma do 7.º ano da Escola Oliveira Martins em cuja turma estão alguns dos nossos rapazes a estudar.

Gostaram de cá estar. Até almoçaram com a nossa comunidade!

HORTA — O cebolo já está plantado pelo responsável da horta e os seus rapazes.

Há sempre alguém que não trabalha... Esperamos que, daqui para a frente, não volte a acontecer.

TEMPO — Tem havido uns belos dias de sol que torna a

nossa Aldeia mais bonita, cheia de verdura, flores e animais.

É bom ouvir o chilrear dos passarinhos e respirar o ar puro que nos dá mais felicidade.

Rui

DESPORTO — Em 16 de Fevereiro defrontámos uma equipa de Gondomar, o «Café Gondomar». Foi um jogo muito disputado por ambas as equipas, mas a vitória coube à da casa. Ganhámos por 4-1.

Também no dia 23 de Fevereiro jogámos com o «Clube dos Putos». Um desafio que nem deu para aquecer as chuteiras! Vencemos por 18-1.

Para marcação de jogos podem contactar: Daniel, 02-570300 ou «Albufeira» 055-752285; pelo fax 055-753799; ou por escrito, para Grupo Desportivo da Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa.

«Albufeira»

Crónica do Lar do Porto

VISITAS DE ESTUDO — Desde os tempos em que a Escola é conhecida como tal, que os métodos de ensino vão evoluindo.

Actualmente, é com bastante frequência que se realizam visitas de estudo ou não seja esse um meio de «obrigar» os alunos a dedicarem-se com mais fervor ao estudo e, assim, obterem melhores resultados.

É uma realidade que se verifica, neste momento, com os nossos rapazes, uma vez que têm dispendido algum tempo nessas visitas. E, talvez por ironia do destino, uma delas foi à nossa «Casa-Mãe», a Paço de Sousa. Correu tudo bem, mas, desta vez, creio que eles serviram de cicerones.

Daniel («Cenoura»)

MALANJE

REUNIÃO DE CHEFES — Estiveram presentes: o nosso Padre Telmo; o chefe-maioral, Bernardino; Belito, segundo-chefe; Adão, Barata, Balanga, Daniel e, por fim, o Guerrito — todos chefes de casas.

Iniciámos o encontro com as orações habituais, invocando o Espírito Santo e Pai Américo. O nosso Padre Telmo comentou: «Muitas vezes os castigos também fazem bem aos rapa-

zes e a bandidagem acontece porque os pais deixam sair os filhos com muita liberdade».

CALÇADO — Temo-lo recebido sempre no começo das aulas, mas, este ano, houve um pequeno atraso devido à colheita do milho.

O Bernardino perguntou ao nosso Padre Telmo:

— *As aulas começaram e não temos ainda calçado?!*

Respondeu claramente, com todo o carinho.

— *Amanhã começamos a distribuição de calçado por todos.*

CHEFES — Trocámos alguns chefes da casa dois, por não serem rapazes que assumissem a responsabilidade.

O Adão, responsável pela roupa, e o Quituxi receberam com prazer a obrigação porque gostam de tratar os seus irmãos com respeito e carinho.

ESTUDO — Começou o ano lectivo e aproveitamos o tempo. Às 17,15 h. o nosso irmão que chama para os actos de comunidade, o sino, toca para a entrada, depois para o Terço e para o nosso jantar.

Figueira Belchior

TOJAL

CARAS NOVAS — Acolhemos mais um rapaz em nossa Casa, irmão dum que já cá estava.

AULAS — O segundo período está quase a terminar. Esperamos que os nossos rapazes tenham aproveitado ao máximo, uma vez que para muitos é um período decisivo.

FUTEBOL — Pedimos adversários para disputarem connosco algumas partidas de futebol. Podem dirigir-se à secção de futebol da Casa do Gaiato — 2670 Santo Antão do Tojal. Telefone: 01-9749019.

LAVOURA — A batata foi semeada e a fava está quase pronta para ser colhida.

OBRAS — O aposento das tropas está praticamente acabado. Já mudaram para lá as trouxas e, certamente, eles estão a gostar do novo lar.

Arnaldo Santos

BENGUELA

VISITA — Tivemos a visita do nosso Padre Acílio, da Casa do Gaiato de Setúbal. Foi muito boa, até para trocarmos impressões. Na sua partilha dizia que o Padre da Rua deve velar pelos Pobres de dentro e de fora.

Ao lado da nossa cantina encontrou muita gente: crianças nas costas das mães com panos rotos e emendados, velhos e mutilados à procura de sustento na Casa do Gaiato.

O nosso Padre Acílio contemplou e disse: — *Lourenço, quem dera que todos os Padres*

velassem pelos Pobres. Jesus, cá na terra, veio ter com os Pobres, os Cativos, os Miseráveis. Hoje, o Pobre nem sempre é atendido. E concluiu: — O Padre da Rua tem de ter interesse, vontade, actividade e, além disso, deve ser um Padre de oração, que é o canal de tudo. Pedimos ao nosso Bom Pai que nos mande Padres capazes para a nossa Obra.

GERADOR — Há dias, chegou um gerador capaz de resolver os problemas das máquinas e dos motores. Com o gerador pequeno resolvíamos só alguns problemas. Agora, conseguimos pôr todas as máquinas a funcionar, à espera da luz da barragem do Lomaum, destruída pela guerra e que vai demorar anos a ser reconstruída.

Feliz Páscoa para todos!

Lourenço Sapalo

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Há muito que não tínhamos notícias da Guida; por mais que perguntássemos, ninguém sabia o paradeiro.

Desde muito nova que não tem casa ou barraco para dormir; os portais eram a sua casa. Mãe de duas crianças, separadas dela por falta de condições.

Há dias, tivemos notícias pela irmã que se apressou a pedir ajuda. Fomos encontrá-la na cama dum hospital, numa enfermaria de doenças contagiosas.

A droga, a prostituição, depois a sida e a tuberculose atiraram-na para lá.

Senhores do Governo que tratam da Saúde de todos nós: Há muitas Guidas como esta. Assim que sentem umas melhoras, o hospital dá *alta* para que outras possam ir para lá. Sem casa, sem família, a prostituição é o modo de vida para angariar algum dinheiro para a alimentação e os remédios. Ao fim de dois meses estão de volta ao hospital, mas antes propagaram a doença. Com tantos impostos que pagamos não será possível arranjar um lar ou uma quinta para estes casos?

A Guida não foi uma excepção, apesar da alegria que emanava do seu olhar para não ir para a rua; a mãe levou-a para uma hospedaria onde partilha o quarto com o homem que está com ela, não tendo mais de 10m². Dorme num colchão aos pés da cama.

Isto assim não é viver e nós sem podermos valer-lhe. A mãe já falou com uma assistente social que ficou de lhe dar uma ajuda, mas a burocracia não deixa chegar a ajuda; talvez depois de morta ela chegue. Cada frasco de remédio custa ao bolso da Pobre 5.000\$00. A mãe não tem dinheiro; e o homem que sustenta a casa, só quando trabalhava. Já começou a deixá-las ficar. A Guida precisa dum quarto para ela ou um maior que se pudesse dividir provisoriamente e que não fosse caro.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Anónima, de Fiães: «Junto mais uma pequenina ajuda para os vossos e nossos Pobres», 10.000\$00. J. R. D., 2.000\$00.

A todos o nosso obrigado pela ajuda que dão aos irmãos mais necessitados.

Adelaide e Zé Alves

RETALHOS DE VIDA

«João Perdido»

Eu sou o José João dos Santos Dias. A minha alcunha: «João Perdido». Nasci a 12 de Maio de 1984, em Resende.

Vim para aqui porque o meu pai faleceu de acidente. Quando morreu, fui para a casa da minha avó porque a minha mãe tinha dois filhos mais pequenos. Eu era o mais velho — e o que fazia mais asneiras. Então, já com 9 anos, fugia da casa da minha avó com o meu primo...!

Na minha terra nunca fui à Escola. Mesmo assim, ando já na quarta-classe.

Se não tivesse vindo para a Casa do Gaiato nesta altura andava por lá a fazer asneiras. Por isso, a minha avó resolveu pôr-me aqui para que, um dia, seja um Homem. A comida é razoável. Comemos um pouco de tudo. Só não gosto de açorda!

José João



TRIBUNA DE COIMBRA

A Páscoa aqui e agora

A Páscoa traz-nos sempre um desejo renovado de vida. É a imortalidade, esse desejo de nos superarmos a nós próprios, de ultrapassarmos as fronteiras permanentemente tangíveis do sofrimento e da morte com os quais nos defrontamos no dia-a-dia.

Numa Casa do Gaiato — sem exagero — experimentamos o limite quando deparamos com o sofrimento, o abandono e a marginalidade a que foram votados tantos dos que agora são nossos. Experimentamos também o outro lado: a fraternidade e amizade de tantos que no distribuir e repartir, rompem os verdadeiros laços da morte.

Esta experiência, às vezes, é tal, que outras expressões tão próprias deste tempo, e do inegável valor cultural e religioso, se nos tornam imperceptíveis.

De facto, a celebração da Páscoa evoca o homem todo, aqui e agora. Esse mesmo que Cristo redimiu. E, portanto, se ele sofre, se não tem casa digna, pai ou mãe com capacidade de educar e amar, ou outras situações de injusto viver, é Cristo que sofre e grita; Se revolta ou compadece.

De igual modo se pode dizer que a Ressurreição de Cristo comporta uma dinâmica palpável e sentida na vida daquele que luta pela verdade e pela justiça ou abre as suas mãos em gestos de amor fecundo.

Os Pobres — os aflitos, os sem-tecto, essa imensa mole humana de refugiados de guerra — são uma chaga aberta na humanidade de Cristo e que nos faz pensar na Páscoa que ainda falta realizar em nós.

Era tão belo que a chuva de pétalas perfumadas, deitadas à passagem do Senhor morto em Sexta-Feira Santa, ou do Senhor Ressuscitado, na madrugada de Páscoa, não nos escondessem o Outro Senhor que sofre e morre em cada instante, em tantos pequeninos sem força nem voz! Recordar esses cireneos que, escondidos aos olhos do mundo e dos seus poderes, levantam pacientemente o Cristo que cai em cada irmão, é inebriar-se com o verdadeiro odor pascal. Não vá o Senhor vestir-Se, como há dois mil anos, de hortelão, ou, inesperadamente, aparecer à beira de qualquer caminho, disfarçado de peregrino, surpreendendo algumas das nossas fétidas formas de O procurar vivo.

Padre João

Escola para onde vais?

QUER-ME parecer que a Escola sempre foi um lugar bem diferente da Família. Duas instâncias de ordem diversa. Esta, tendo em vista principalmente o ser e aquela o saber numa acentuação natural. Não estanques, mas, na sua autonomia, complementares.

Agora vai-se ouvindo dizer que a Escola está a substituir cada vez mais a Família. Então a Escola a formar o ser e o saber, querará tomar-se Seminário?

Venho ficando abismado com diversos problemas que têm surgido com os nossos rapazes nas diversas Escolas que frequentam. Tenho vestido o fato de bombeiro várias vezes e, ao toque da sirene de alarme, aí vou eu apagar um fogo que sempre procura propagar-se a outras árvores.

Passo a Passo

Porquê tudo isto? As respostas surgem evasivas e sem convicção...

Apesar das limitações que nos acompanham, a nossa família funciona. Há verdade e autenticidade e atenção a todos os pormenores. A nada se fecha os olhos. Procuramos estar vigilantes.

Então onde andam os incendiários? Sabemos como é difícil apanhá-los... Ainda assim vale a pena olhar para os rastros que deixam sempre; também pelas sombras podemos ver a luz que falta.

Na família, sabemos quem é o pai e a mãe e os filhos e ninguém quer ser o que não é. Quanto melhor cada um,

tanto melhor. Dizem os mestres que quem não distingue, confunde.

Cada um assume as suas responsabilidades ao longo de cada dia. Dias de folga? Bom, isso só quando o bem da família o justifica.

Depois a compreensão, a paciência, o querer bem... A frustração não tem lugar na família.

Ainda a auto-crítica; a consciência dos limites próprios; a humildade... A prepotência não cabe no espaço familiar.

Encontrar nos restantes membros a própria razão de trabalhar, de lutar, de se abnegar... Não há família sem cruz.

Por aqui chega-se à ressurreição. É só nela a vida é verdadeira.

Pai Américo dizia que «todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão». Se não bebermos nesta fonte, os incêndios vão multiplicar-se. Para onde vais Escola?

Padre Júlio

Crónica de viagem a África

Continuação da página 1

Mulher angolana

Sobre a mulher pobre angolana recai a feroz injustiça da actual situação. E ela é a grande heróina, escondida e inconsciente, talvez, que mantém a vida humana nesta martirizada África. Enquanto fecunda, traz sempre consigo uma criança, ou às costas ou na barriga e muitas vezes nos dois lugares.

Saciando assim as carências afectivas naturais no contacto permanente, corpo a corpo, com os seus filhos, a mulher angolana vence as doenças, a fome, as guerras e as calamidades, trazendo à vida humana a vitória duma juventude pujante.

A Casa do Gaiato é uma contínua e eficaz irradiação do Bem, não só para os rapazes que o fazem e dele beneficiam, mas para toda a comunidade circundante.

A selecção dos trabalhadores não se pauta pela competência própria ou rendibilidade, mas pela carência de cada um. O Padre Manuel António conhece a casinha de todos, sobretudo no Bairro da Graça. Para a maior parte comprou a cobertura de *lusalite*.

Andei com ele numa tarde de domingo dentro do Bairro a ver as necessidades, a atender pedidos e a visitar famílias.

O Padre Manuel munira-se de uma fita métrica e tirava as medidas das casas, compostas normalmente de duas divisões e levantadas com adobos de terra, ligados com a mesma amassada, para saber quantas chapas eram precisas. Construções rudimentares, dispostas conforme a situação do terreno sem qualquer preocupação de arruamento, evitando somente a força das águas em tempos de enxurrada. Normalmente desprovidas de qualquer mobília. Meia dúzia de tarcos — tachos ou latas são a *fortuna* de cada família. Comem e dormem no chão que, muitas vezes, é de terra batida. O cimento é um luxo!

O número de habitantes é de cinco mil.

Há cerca de um ano as autoridades mandaram fazer vários lavadouros com fontenários adjacentes. Mas água?!... Nada!... Alguns dos tanques já estão partidos e os lavadouros servem de recreio aos rapazes que ali se acolhem do sol a jogar às cartas!

O que parecia vir a ser uma fonte de vida, transformou-se em horrível desolação!

A irmã água

É à nossa Casa que vêm buscar água. É lá que se lavam e a sua roupa, também. À tardinha juntam-se grupos de mulheres, escondendo-se umas às outras e lavando-se recatadamente nas regadeiras longas que conduzem as águas para os campos. Os homens, longe daquelas, tomam banho do mesmo modo.

Nunca a água me havia sorrído tanto como fonte de vida e de limpeza, como naquelas tardes quentes do litoral angolano.

Se Francisco de Assis com a sua alegria contemplasse uma beleza daquelas, como acarinharia a sua irmã água que tanto consolo trazia àqueles heróicos corpinhos humanos!

Arrancada de vários furos, antes de fertilizar a terra e refrescar as sementeiras, a água no seu caminho é um mimo amoroso para homens, mulheres e crianças!...

Leva sabão, sujidade dos corpos e das roupas, gordura das loiças e bênçãos dos Pobres!... Como não há-de a nossa Casa ser um fértil santuário?!...

Multiplicação dos pães

Sábado, após o meio-dia, não há almoço para os operários como nos outros dias. É a distribuição do alimento para a família.

Malanje dia-a-dia

27/2/97

ARRUMAR o velho nos armazéns caiadinhos de branco, é remendo mal deitado no grande buraco da tenda. Buraco feito pela falta de carinho e de amor para aquele que derreteu a sua vida acarinhando e dando amor!

Puxa!, que esta sociedade plastificada quer mesmo esconder o último velhinho que ainda brinca, feliz, com os seus netinhos...

Pais — filhos ficam enjoando a sua presença: Porque não têm quartinho em casa; é atrapalhação na vida dos jovens; começa a ser peso e atrapalha a vida no dia-a-dia; ou não é bonito nem moda ter velhinho.

E o velho vai... Palavras muito «carinhosas», genro ou nora amparando solícitos na escada de subida... E fica! Será recordado, pontualmente, no fim de cada mês — no pagamento da conta.

O enterro será bonito e com muita compunção, como é uso e costume.

A respeito, a Bíblia fala-nos na Palavra de Deus: «*Meu filho, ajuda a velhice de teu pai. Se o seu espírito desfalecer, sê indulgente. Não o desprezes durante toda a sua vida, pois a tua caridade para com*

ele não será esquecida» — Eclesiástico 3, 12-17.

Mas qual Bíblia?! Telenovelas e filmes sexuais na hora da pantalha! Isso, sim.

28/2/97

ENCOSTADOS num portal da casa da Carianga, falei a Padre Acílio no sonho de restaurar as casas e pôr nelas pessoas desamparadas...

O Padre Acílio respondeu, sorrindo: «*Quando fizer cem anos virei à inauguração e faremos uma grande festa!*» Realidade numa estatelada a nossos pés: Estamos velhos e em prova a esperança de novas vocações.

À nossa frente, o verde estonteante dos campos e o cordão sinuoso das barçoeiras escondendo por completo a água do rio.

Continuámos sonhando alto:

E se uma Congregação de Irmãs viesse tomar conta dessas pessoas desamparadas?!

Mas todas elas têm os seus próprios sonhos e giram de volta.

Limpar rabos a velhinhos e dar de comer a deficientes, não seduz nem encanta...

Evangelho, sim, mas bem cozinhado com as nossas ervas.

Padre Telmo

PENSAMENTO

Eu escrevi a palavra ESPERANÇA com letras maiúsculas no pórtico da Obra da Rua — esperando as promessas do Senhor Jesus.

PAI AMÉRICO

As pessoas sentam-se no chão. Quase só mulheres com crianças à sombra das árvores! Que espectáculo, meu Deus! Lembrei-me tanto das cenas do Evangelho onde se narra a multiplicação dos pães! Um homem e duas mulheres dão a cada trabalhador(a) um litro de feijão, seis quilos de farinha de milho e meio litro de óleo, mais ou menos, com um naco de sabão. Tudo medido com latas. As pessoas esperam pacientemente enquanto o capataz vai chamando os nomes e cada um recebe a sua ração! São três da tarde. Já eu almocei há muito tempo e aquelas pobres ainda ali jazem rodeadas de filhos na expectativa!... Como me sinto pequenino e privilegiado!... Com os sacos ou os alguidares à cabeça, os filhos às costas e pela mão, palmilham a pé três ou quatro quilómetros e lá farão, com o que levam, a sua refeiçãozinha com tantas dificuldades de água, de lenha, de tudo!..., com as energias do pequeno-almoço!

O Padre Américo cantou a heroicidade e a santidade dos Pobres! Como me abismo diante de tanta grandeza!

Notícias de Malanje

P.S. — Escrevo de Malanje e aproveito este bocadinho para dar notícias.

Encontro os nossos Padres muito animados e as Casas do Gaiato a funcionarem em pleno. Renascidas das cinzas, aparecem com uma pujança extraordinária! As dificuldades materiais de toda a ordem são alavanca para uma maravilhosa manifestação do Espírito.

Os rapazes no seu lugar, tomando as rédeas que lhes competem. Os Pobres solicitando continuamente ajuda para toda a espécie de carências. Os nossos Padres numa roda viva, atentos a tudo e com o coração em Deus. Apesar do sacrifício, e com ele também, esta viagem valeu-me de um bom Retiro.

Padre Acílio



Alguns blocos abandonados. Estes e outros, superlotados!

Património dos Pobres

Continuação da página 1

Terminámos aquele dia, mais uma vez, doridos, junto de prédios erguidos já há anos e nunca acabados. Sem telhado, sem portas, sem janelas, sem água, sem luz própria, sem rebocos, sem tijolos,

muito sujos e com muito lixo a toda a volta. Muitos fios eléctricos, ilegais, espalhados por toda a parte. Dentro dos blocos vivem ou vegetam centenas de famílias, quase todas africanas. Que podemos nós esperar desta pobre gente a viver assim?!

Ontem, foi uma tarde feliz. Apareceu em nossa Casa um rapaz que vai casar brevemente. Veio pedir quatro portas interiores e uma exterior para a casa que ele e

a noiva compraram e irão habitar. Casa desabitada, há anos, mas em bom estado. Insistiu para que fôssemos vê-la. E fomos. Que linda que ela está! «Tem sido tudo trabalho nosso» — informa o rapaz. «Olhem as coisinhas que já conseguimos comprar! E já temos o quintal amanhã!» Todo ele era alegria. Alegria de ter uma casa com sacrifício e amor.

Padre Horácio

BENGUELA

A paz quer sair do túmulo

ESTAMOS na Páscoa. À hora em que escrevo, não podemos cantar o Aleluia da Ressurreição do Povo de Angola. A paz quer sair do túmulo, mas os homens teimam em mantê-la suspensa. A esperança, contudo, continua muito viva. Nela repousa a nossa alegria.

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

que não tenham um sítio certo para viver». Não acrescentaram que poderiam constituir família. Fiquei doente com tanto amor pelos Pobres. Outra frase: «Depois do curso, naturalmente que lhes asseguro emprego na minha empresa que se dedica à exportação desses artefactos». Só faltou dizer: o mercado de trabalho sou eu e a minha empresa. Às vezes, a minha perturbação torna-se maior quando vejo estes proponentes de cursos acompanhados por técnicos da Função Pública.

Entretanto, continuo com miúdos à espera de encontrar uma saída honesta nos Cursos de Formação Profissional. Continuo na expectativa de ver uma interligação entre Escola e Instituto Profissional. Continuo na procura de perceber como é que as políticas sociais de um País caminham para tornar os Pobres subservidentes em vez de procurarem verdadeiramente promovê-los e dar-lhes oportunidades de se sentirem homens no meio dos outros homens.

Estamos na Páscoa. É vitória da humanidade em Jesus Cristo. Muitas Quaresmas teremos que passar para se encontrarem os melhores caminhos. Parados é certo que não andamos.

Padre Manuel Cristóvão

Vamos dando trabalho e pão a muita gente. O nosso grande investimento tem sido a Escola para as crianças e a alfabetização para as mães e adultos; mais o trabalho para centenas de famílias. É para estes campos que têm sido canalizados os auxílios que nos dais. Nada recebemos de ninguém, a não ser o que podes em nossas mãos. Não buscamos resultados económicos. Queremos, sim, ver esta gente caminhar de pé e com alegria. Quantas vezes tenho pensado em mandar embora parte dos que ganham o pão com o seu trabalho, porque há gente a mais; mas, nesta hora, decididamente, não é esse o caminho.

Que lucro maior podemos colher do que a alegria destas mães agarradas aos seus filhos? É uma maneira de vivermos a festa da Páscoa. Queremos ver este Povo ressuscitado. Queremos ajudar a tirar as pedras que impedem este Povo de sair do túmulo da miséria em que foi lançado. Continuai a ajudar-nos!

A nossa Casa está muito cheia de rapazes. Estamos a trabalhar para que tenham um futuro digno, a começar pela Escola. Há dias, o responsável máximo pela Educação disse que este sector é uma calamidade. Multidão de crianças sem Escola, porque não há. Outras não podem frequentar o Ensino normal, embora com idade muito baixa, porque não há lugares, sendo relegadas para o Ensino nocturno com as consequências negativas. O Ensino

privado dá os primeiros passos, mas os filhos do Povo não têm acesso porque é elevado o seu custo. Quem dera que se abrissem as portas a uma porção destes filhos! Quanto me custa ver esta sociedade a crescer com sinais claros duma grande porção de *excluídos!* Aliás, é um perigo que está à vista noutros sectores da vida sócio-económica. E é uma sociedade nova que está a fazer-se. A Igreja tem que ser profética na palavra e na acção. Quem tem mais autoridade do que Ela? É a hora porque é o princípio.

Ainda não tenho lugar para receber os oito meninos que estão à espera! Vou preparar mais uma moradia. Espero não ficar pelo caminho.

Feliz Páscoa!

Padre Manuel António

Páscoa

Continuação da página 1

sofrem os homens, pelo que lhes é tão difícil perceber a «Lei de Deus no íntimo da alma e deixá-la gravar no coração». A «Lei de Deus no íntimo da alma, gravada no coração», é o fundamento de uma consciência recta e sã, a fonte de onde brotam o conhecimento de Deus e a convivência da Sua Justiça — que tornam justo o homem.

Com que razão implorava Paulo VI: «Homens, sede Homens!» E mais razão assiste para se implorar assim num mundo em crescente desumanização!

A Igreja, que é Mãe e Mestra do verdadeiro Humanismo, quer os seus filhos capazes da Alegria Pascal. Quere-os, «desde o mais pequeno ao maior», a festejar consciente e conscienciosamente a Nova Aliança: a familiaridade com Deus (conhecê-LO é amá-LO) que Jesus pôs ao nosso alcance, ao assumir-Se Cordeiro Pascal.

Por isso nos trouxe ao longo da Quaresma nesta diligência de interiorização: «Fazei para vós um coração novo e um espírito novo». O que o homem sincero, conhecedor da sua fragilidade, faz, suplicando com veemência: «Cria em mim, ó Deus, um coração limpo. Soprai no íntimo de mim um espírito firme».

Padre Carlos

DOCTRINA



Suporta os trabalhos; faz obra de apóstolo. Das epístolas de S. Paulo

FUI dar com o Padre Geada, em Setembro do ano findo, em casa de certa família de Coimbra, sobre um leito de repouso, com estigmas de cansaço: — Desculpe a sem-cerimónia.

Conversámos das nossas coisas e logo pus no meu peito ir ver com os meus olhos o que tanto gostei de ouvir.

COMO quer que tivesse de ir a Lisboa ver como passavam de saúde alguns senhores que ali tenho, dispus-me a dar conta da minha resolução e entrei no coração de Lisboa pelas portas da Mouraria. Labirinto de becos e de vielas, eu estou que a vida daquele bairro há-de dar carácter aos seus habitantes e distingui-los dos mais portugueses, pelo que tem de inconfundível. Passei sem medo. Não há espanto nem surriadas. A batina não é negra, que o Padre Geada mudou-lhe a cor! Ele é o pastor das duas paróquias: S. Miguel e Santo Estêvão. De uma à outra vai um tiro de espingarda.

COMECEI pela de S. Miguel. Tudo fechado. Acode um pequeno que me beija a mão e uma mulher informa que o senhor Padre Geada não está, «mas bata que estão na Escola». Subi degraus cavados no interior da parede e fui dar a uma dependência da igreja ocupada com bancos e mesas; é a Escola Infantil. Cerca de trinta miudinhos saúdam. O sacristão apareceu e ciceroneou gostosamente.

DALI seguimos para a igreja de Santo Estêvão e, no percurso, fui informado de duas Escolas Primárias instaladas naquele templo, uma de cada sexo, com exames de quarta-classe; e da existência de um dispensário; e do funcionamento de uma creche; e de como toda aquela garotada larga para o campo em Colónias organizadas, nos meses de Verão.

MAIS me informou o meu guia que o Padre Geada vive mui pobremente numa casa à Lapa e lá compõe, ele mesmo, um almanaque anual. E soube, doutra fonte, que o Padre Geada sentiu imenso a morte da senhora Duquesa de Palmela que lhe dava quatrocentos escudos, todos os meses, e de almoçar, uma vez

por semana. «Ao menos comia bem uma vez por semana!» — disse.

PARA as Escolas de Santo Estêvão sobe-se precisamente como nas de S. Miguel e as dependências são da mesma sorte. Os garotos, aqui mais espiçados, fazem a mesma saudação; os Mestres respondem a tudo quanto se lhes pergunta, sem enfado. Os recintos são furtados às dependências dos templos e as crianças instaladas como e onde calha. O que importa é tirá-las da rua, curar-lhes as feridas, dar-lhes de comer, ensiná-las. A Caridade foge às leis.

VEM agora a visita ao dispensário. Mães e crianças esperam vez nas cadeiras. Dentro não falta nada do que é dado. Um médico vem de Lisboa, todos os dias, curar. Foi assim que me disseram: «de Lisboa!» Alfama não é Lisboa! Uma fidalga assiste; e que fidalga não vi eu! Os fidalgos não se fazem nem se improvisam — *nascem*. «Mora naquele palácio» — disse o guia — «e paga todas as despesas». Dá e dá-se. O palácio é rente à igreja.

RESTA-NOS a creche. Fica no fundo do bairro, nos anexos de uma capela pombalina. Há cinquenta crianças inscritas. A altíssima Pobreza do Evangelho mora ali; mas dá de comer três vezes ao dia, àquelas bocas inocentes; que, se as instalações fossem ricas, não se comia tanto. O que vai no saco não vai no papo.

EIS o Padre Geada. Não digo aqui, como fez João Baptista, de Jesus, que é necessário que Ele cresça e que eu desapareça; não digo, que ambos somos mortais e iguais. O que eu digo é que Lisboa deve olhar para o Padre Geada com os mesmos olhos com que vê o Padre Américo; e dar. Dar mais. Dar com alegria. Dar sem medida.

VOU perder de vista o Gerês, dentro de breves dias, sem saudades daqui e com infinitas de Coimbra. Onde temos o nosso tesouro, aí o coração. O meu ficou no número dezoito da Rua da Trindade, dentro de uma canastra de vimes que eu fui pedir às Criaditas antes de vir para a cura. O médico quer e insiste que eu esteja os dezoito dias da praxe... porque não tem tesouros! Tenho recebido vários donativos em dinheiro e em coisas, das terras de Portugal. Alguém manda cinquenta escudos «para o seu filho mais novo». Assim se *difama* um padre da Igreja Católica!

D. Amén. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)

Ecoss d'aniversário

Ontem recebi O GAIATO que sempre leio e releio com muito prazer. É o Jornal que mais gosto de ler.

Comemorou mais um aniversário, e quero associar-me a essa data enviando um cheque de cinquenta e três mil — tantos os anos do Famoso.

Os meus sinceros votos de santa Páscoa para todos os que trabalham nessa grande Obra.

O Senhor dê vontade a muitos que só gostam de aferrohar... pois quanto mais se dá, mais se recebe!

Uma assinante

53 anos d'O GAIATO — também me aconteceu o mesmo, isto é, o que leio no segundo parágrafo do escrito pelo Padre Car-

los, no n.º 1382, de 1 de Março de 1997.

Na minha vida o Famoso tem sido uma referência. A Beleza na sua leitura, a Reflexão da sua mensagem e a Vida a seguir, aconselham-me a ser e a estar com os Outros. Bem haja.

Assinante 58869

Já lá vão cinquenta mais três anos! Que nasceu esta leitura abençoada! Por via dele se recordam tantos danos! Por via dele a doação é partilhada.

Por via dele o amor vai benfazezando! E surgem Rosas de simples espinheiro! Por via dele o regato vai crescendo. Há-de inundar de amor o mundo inteiro!

Assinante 13567